SEM ESSA DE "JAPONESA, ABRE O OLHO": RACISMO E MISOGINIA CONTRA MULHERES AMARELAS – UMA ABORDAGEM A PARTIR DOS ESTUDOS CULTURAIS

Julia Tiemi Kurihara (PIC/UEM), João Paulo Baliscei (Orientador), e-mail: jpbaliscei@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes / Maringá, PR.

Área e sub-área do conhecimento conforme tabela do CNPq/CAPES: 80310001 EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

Palavras-chave: Cultura Visual, Gênero, Identidade nipo-brasileira.

Resumo:

Diversos significados são construídos acerca da identidade de mulheres nipo-brasileiras, as quais são frequentemente descritas como quietas, submissas e exóticas. Esses estereótipos são reforçados em discursos racistas, machistas e xenofóbicos que desconsideram a individualidade dessas pessoas. Assim, o tema desta pesquisa são as representações apresentadas acerca das identidades de mulheres asiáticas, as quais, muitas vezes, são constituídas por estereótipos. O objetivo geral é problematizar os estereótipos de gênero e raça e etnia, em relação à representação de mulheres nipo-brasileiras. Para isso, recorremos à pesquisa bibliográfica, com o aporte teórico dos Estudos da Cultura Visual, como um campo que considera que as imagens, em suas diversas representações, apresentam formas de se ver e estar no mundo. Por fim, concluímos que é importante tratarmos desses assuntos a fim de romper com estereótipos e construir novos significados que incluam respeito e tolerância com as diferenças.

Introdução

Minha[1] *batian* gostava de reunir toda a família nas festas de fim de ano. Fazia questão de que houvesse muita comida, como *sushi*, churrasco e macarronada. A divisão de tarefas também era explícita: os homens cuidavam do churrasco, e as mulheres ficavam na cozinha. A televisão estava sempre sintonizada no canal *NHK*, que transmitia notícias e programas japoneses. Como *nikkei*[2] e nipo-brasileira, possuo, em minhas vivências, culturas e experiências provenientes tanto do Brasil, país em que nasci, quanto do Japão, de onde minhas/meus ancestrais vieram.

[1] Neste resumo utilizamos a primeira pessoa do singular para se referir a experiências pessoais da autora. No restante do texto, recorremos a terceira pessoa do plural para abarcar todas/os aquelas/es que contribuíram, de alguma forma, para a pesquisa.

[2] O termo *nikkei* é utilizado para descrever pessoas que são descendentes de japonesas/es, ou japonesas/es que vivem fora do Japão.

Entretanto, por muito tempo, especialmente na infância, neguei as minhas origens. Não aceitava a minha aparência física e outras características culturais que eram diferentes das minhas amigas ou de protagonistas que me eram apresentadas/os na mídia. Queria ser igual a todo mundo. Mas hoje me pergunto: quem é todo mundo?
De acordo com Chimamanda Ngozi Adichie (2010), as visualidades, sejam elas em imagens televisivas, publicitárias ou cinematográficas, apresentam às crianças o protagonismo de pessoas brancas. Semelhantemente, Vera Maria Ferrão Candau (2010), expõe que, nas escolas latino-americanas, é transmitida uma educação com base eurocêntrica, o que contribui para o apagamento das diversidades.
Além disso, no início de minha fase adulta, me deparei com diversas situações de fetichização e xenofobia. “Abre o olho, japonesa!”, “Volta pro seu país”, “Vocês são todas iguais”, são frases que muitas/os *nikkeis* já ouviram. Tais discursos desconsideram que nós somos pessoas que possuem nossas próprias identidades e histórias de vida.
Ademais, com o surgimento do primeiro caso da COVID-19[3] na China, o sentimento anti-asiático se tornou mais explícito ao redor do mundo. Muitas pessoas insultaram, violentaram e segregaram aquelas/es com características fenotípicas leste asiáticas, atribuindo-lhes, erroneamente, responsabilidade pela disseminação do vírus.
Assim, chegamos ao nosso problema de pesquisa: “Quais são os estereótipos criados acerca da identidade de mulheres nipo-brasileiras?” Nesta pesquisa, nosso objetivo geral foi problematizar os estereótipos de gênero, raça e etnia, em relação à representação de mulheres nipo-brasileiras. Como objetivos específicos, tivemos: Contextualizar e conceituar estudos sobre identidade, com enfoque nas identidades nipo-brasileiras; realizar breve pesquisa histórica sobre a imigração japonesa no Brasil e apresentar e questionar as diversas violências que atingem os corpos e identidades de mulheres nipo-brasileiras. Para tal, realizamos uma pesquisa de cunho bibliográfico a partir de Estudos da Cultura Visual.

Materiais e Métodos

Inicialmente, realizamos uma pesquisa exploratória de cunho bibliográfico, a partir dos estudos sobre identidade na pós-modernidade, de Stuart Hall (2006). O autor apresenta que a identidade cultural no século XXI é caracterizada pela fragmentação do sujeito, que possui várias identidades, as quais mudam constantemente e podem ser contraditórias entre si. Ainda no primeiro capítulo, recorremos a Eduardo Junior Santos Moura (2019), para tratar sobre o poder e controle exercidos pelos povos europeus sobre os povos que tiveram suas terras e corpos invadidos e dominados. Citamos também Chimamanda Ngozi Adichie (2010), que apresenta as diferentes formas que os corpos femininos são ensinados a serem domesticados, porém demonstra que se deve ensinar tanto para meninos quanto para meninas a importância do respeito às diferenças e que os papeis de

[3] A COVID-19 é uma doença respiratória que teve seu primeiro caso registrado no ano de 2019, na cidade de Wuhan, na China. Esta doença deu início a uma pandemia que fez com que pessoas do mundo inteiro permanecessem em isolamento social a fim de prevenir a disseminação do vírus.

gênero são socialmente criados, e não uma regra a ser seguida. Finalizamos o capítulo com Carolin Emcke (2020) para levantar discussões acerca do ódio pela diferença e Audre Lorde (2019) para tratar do silenciamento de sujeitos não hegemônicos e estratégias de combate a tal situação.

Em sequência, apresentamos um histórico da imigração japonesa no Brasil a partir das pesquisas de Beatriz Hiromi da Silva Akutsu, Eder Fernandes Monica e Gabriel Cerqueira Leite Martire (2019), Luana Martina Magalhães Ueno (2019), Cristina Miyuki Sato Mizumura (2011) e Lorena Bacchimam Tarabauka (2013). Após, citamos Thaís Yurie Ishikawa e Alessandro de Oliveira dos Santos (2018) e Eva Heller (2013) para tratar do termo "amarelo", empregado para descrever pessoas do leste asiático. Em sequência, recorremos a Mariany Toriyama Nakamura (2013) e Gabriel Yukio Goto (2022) para discorrer acerca das identidades nipo-brasileiras. E, por fim, para tratar especificamente da identidade de mulheres nipo-brasileiras, baseamo-nos em Caynnã de Camargo Santos e Cláudia Rosa Acevedo (2013), Tamilyn Tiemi Massuda Ishida e Eduardo Cardoso Braga (2019) e Marcia Dib (2011).

Resultados e Discussão

Na sociedade contemporânea, as interações sociais ao redor do mundo acontecem de forma imediata, devido ao avanço tecnológico e à globalização. Nesse sentido, as identidades das pessoas tornam-se múltiplas e em constante mutação, visto que diferentes identidades podem se articular. Além disso, no imaginário coletivo, considera-se a existência de uma cultura e identidade nacional, com padrões específicos de gênero e raça, por exemplo.

Tais padrões de normalidade não correspondem à diversidade, o que reforça a marginalização daquelas/es que são diferentes. Essa marginalização tem se manifestado de diversas formas ao longo da humanidade. Na história da arte brasileira, em específico no período da colonização, por exemplo, artistas utilizavam-se da pintura para criar narrativas de controle, nas quais representavam povos nativos de terras brasileiras como primitivos/selvagens, e a cultura europeia como a luz e a salvação.

As pessoas que fogem aos padrões de normalidade muitas vezes também são vítimas do ódio. Suas diferenças são vistas por aquelas/es que odeiam como uma suposta ameaça à normalidade.

No que diz respeito às identidades nipo-brasileiras, estas são caracterizadas pela mistura da identidade japonesa e identidade brasileira. É possível notar nestes sujeitos práticas provenientes das duas culturas. Muitas/os nipo-brasileiras são atravessadas/os por uma sensação de não pertencimento, uma vez que são consideradas/os estrangeiras/os tanto no Brasil, quanto no Japão.

Há ainda, a crença de que as/os japonesas/es são todas/os trabalhadores, bem sucedidos e um bom exemplo que outros grupos minoritários deveriam supostamente seguir. Esses estereótipos, apesar de parecerem inofensivos, uniformizam as pessoas nipo-brasileiras, atribuindo a elas um peso a ser cumprido,

além de desconsiderar todo processo colonizador e violento que outros grupos étnicos passaram.

Desta forma, destacamos a relevância em discutir tais assuntos, estabelecer laços para fortalecer aqueles que são vítimas do ódio e lutar contra as opressões. Artistas como Gabriela Narumi Inoue em *Transição* (2019), que representam a si mesmas em suas subjetividades, são um exemplo de ressignificação de significados e constroem suas próprias histórias através da arte.

Conclusões

Na sociedade contemporânea, muitas visualidades são apresentadas às pessoas a todo o momento. No decorrer da história, estas imagens têm sido utilizadas também como mecanismo de controle e domínio de corpos. Por isso, salientamos a importância em pensar criticamente as visualidades que chegam até nós, pois carregam consigo formas de se ver e estar no mundo. Sobre as representações de mulheres nipo-brasileiras, foram criados diversos imaginários a respeito dessas pessoas, por vezes machistas, xenofóbicos e estereotipados, os quais podem ser (re)ssignificados por meio de produções artísticas que recontam suas próprias histórias.

Agradecimentos

Agradeço a todas as pessoas que contribuem para a construção de uma sociedade que respeite e valorize as diferenças.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças Culturais, Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas. **Currículo sem fronteiras**. Rio de Janeiro: PUC-Rio. v. 11, 2011, p. 240-255.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 11. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.